

O ATÉ LOGO QUE NÃO CHEGOU: LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19

MATIOLI Aryane Leinne Oliveira ¹

FELDHAUS Aline Fabiana ²

LIMA Larissa Karine Ferreira de ²

BRIERE Nathalia ³

aryanematioli@fag.edu.br

RESUMO

A presente pesquisa aborda sobre os efeitos da ausência dos rituais no processo de luto decorrentes da Covid-19. Considerando que os rituais de despedidas possuem um significativo papel no modo como o homem enfrenta o fim da vida, pois está intimamente conectado com o "morrer" e seu processo de luto, a pesquisa buscou compreender como se deu essa experiência. A realização desta pesquisa ocorreu por meio de entrevista semiestruturada com quatro pessoas que vivenciaram a perda de familiar ou amigo próximo pela Covid-19, utilizando da amostragem por acessibilidade. Após a coleta de dados, como resultados dessa pesquisa obtidos através do método de Análise de Conteúdo, foram elencadas quatro categorias de análise: quando não há ritual; dificuldade na elaboração do luto; a vivência de um ritual e outros novos. A análise demonstrou semelhanças em suas falas, reconhecendo a atribuição dos rituais de despedida no processo do luto, ainda que novos ritos tenham sido elaborados com a intenção de proporcionar ocasiões factuais sobre a ausência, percebe-se o sofrimento psíquico diante da não realização de quaisquer cerimônias além do sofrimento gerado pela perda, visto que oferece aos enlutados possibilidades de enfrentamento.

Palavras-chave: Luto, Rituais de despedida, Covid-19

¹ Psicóloga, Orientadora, Mestra em Psicologia, Especialista em Desenvolvimento na Infância e Adolescência, Docente curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz-FAG. E-mail: arianematioli@fag.edu.br

² Acadêmica do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz-FAG. E-mail: affeldhaus@minha.fag.edu.br

² Acadêmica do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz-FAG. E-mail: lkflima@minha.fag.edu.br

³ Auxiliar de Pesquisa do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz-FAG. E-mail: nbriere@minha.fag.edu.br

THE BYE THAT DIDN'T ARRIVE: GRIEF IN THE COVID-19 PANDEMIC CONTEXT

MATIOLI Aryane Leinne Oliveira ¹
FELDHAUS Aline Fabiana ²
LIMA Larissa Karine Ferreira de ²
BRIERE Nathalia ³
aryanematioli@fag.edu.br

ABSTRACT

The current research talks about the absence effect on rituals during the grief process originated by Covid-19. Taking into account that the farewell rituals have a significative role on the way how man face the end of life, because it's deeply connected with the "die" and it's process of grief, the survey sought to comprehend how happens this experience. The realization of this research happened out through interviews semi-structured, with four people that experienced the lose of family or close friends from Covid-19, using accessibility sampling. After the data collect, how result of this research obtained through content analysis' method, was reached four categories: when there's not ritual; difficulty of grief elaboration; a ritual experience; new rituals. The analysis has demonstrated some similarity in your lines, recognizing the allotment from farewell rituals on the grief process, though new rituals have had elaborated with the intention to provide factual occasions about absence, it's possible to note the psych suffering before the not realization of any ceremony beyond suffering generated by the loose, whereas show to mourning possibilities for the confrontation.

Key words: Grief, Firewell Rituals, Covid-19

¹ Psychologist, Advisor, Master in Psychology, Professor of Psychology at Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: aryanematioli@fag.edu.br

² Academic of the 10th period the Psychology course at Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: affeldhaus@minha.fag.edu.br

² Academic of the 10th period the Psychology course at Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: lkflima@minha.fag.edu.br

³ Research assistant of the 10th period the Psychology course at Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: nbriere@minha.fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (2020), o número de mortes decorrentes de complicações causadas pelo coronavírus em todo o território brasileiro é atualmente de 611.478 pessoas. Sendo somente da região Sul do Brasil 96.379 mortes, ou seja, esse é o impacto no número de familiares, amigos e conhecidos que perderam um familiar durante a pandemia. Diante destes números expressivos evidenciou-se a importância de pesquisar sobre os efeitos da falta dos rituais de despedidas no processo de luto, possibilitando compreender e auxiliar esse fenômeno social compartilhado por todos.

Sendo assim, o artigo disserta sobre o processo do luto e os efeitos da falta de rituais de despedida dos familiares de vítimas da Covid-19 em que a partir de conversas pessoais sobre os reflexos da pandemia que perduram há mais de um ano, assim como, experiências de perdas de familiares próximos às pesquisadoras por complicações da Covid-19, estabeleceu-se o desejo pessoal em pesquisar de modo responsável sobre o tema. Contribuindo assim para o desenvolvimento do princípio fundamental III, citado no Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005) cabe ao psicólogo desempenhar suas tarefas com responsabilidade, pesquisando de modo crítico, histórico e factual aspectos políticos, econômicos e sociais.

Conforme disposto por Mello (2020), rituais de despedida de pessoas próximas desempenham um papel crucial na compreensão da morte e no processo do luto. Contudo, o contexto da pandemia da Covid-19, exigiu que fossem estabelecidas diferentes formas de vivenciar esse momento. Tendo em vista que se trata de um campo atual, complexo e pouco pesquisado, portanto, se faz necessária mais produções científicas desta temática contemporânea.

Assim como citado por Crepaldi (2020), a morte e o processo do luto ocorrem de modo único, ou seja, não se estabelece maneira correta ou incorreta de experiencial, tampouco se faz necessário a uniformização de formas de lidar com a perda e com os rituais, todavia a elaboração de pesquisas que possuem o potencial de auxiliar, profissionais, pesquisadores e a sociedade é crucial nesse momento delicado que toda a humanidade vivencia.

Tendo em vista o contexto vivenciado e apresentado anteriormente, a pesquisa buscou entender quais foram os efeitos da falta de rituais de despedidas, no processo de

luto dos familiares de vítimas da Covid-19. Além de, compreender sobre o processo de luto de perdas da Covid-19, identificando quais foram os rituais de despedidas realizados durante a pandemia, assim como analisar os possíveis prejuízos na elaboração do luto de familiares e amigos de vítimas que foram impossibilitados de realizar os rituais de despedida. De modo que se faz necessário elucidar conceitos como o contexto histórico da Covid-19, assim como luto e rituais de despedida antes e depois do contexto de pandemia para fundamentar o problema pesquisado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA COVID-19

No final de 2019, durante o mês de dezembro, foi identificado um novo vírus (SARS-COV-2), que pode causar uma infecção respiratória grave denominada Covid-19. Esta doença teve seus primeiros sinais detectados em amostras de uma paciente da cidade de Wuhan, na China. A partir de janeiro de 2020 muitos casos se propagaram, ao passo que em março o contexto já havia se tornado global, sendo então declarada como pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Diante do momento crítico estabeleceu-se medidas restritivas de cuidados, como, distanciamento social, hábitos atípicos de cuidados pessoais como uso de máscaras e utilização de álcool gel ou líquido, limpeza e higienização de ambientes com água e sabão ou álcool 70%, isolamento em casos suspeitos e confirmados da Covid-19, entre outras orientações médicas estabelecidas pelo Ministério da Saúde. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

A contaminação pelo vírus pode apresentar sintomas leves, moderados, graves e críticos, e em alguns casos o paciente pode ser assintomático. Sua transmissão pode acontecer através do ar, gotículas de saliva, tosse, espirros ou contato físico, como aperto de mão e abraço, além do contato com ambientes contaminados concomitantemente com os olhos, boca e nariz, assim como o toque em objetos não higienizados da maneira correta. A partir do contato com o vírus pode-se levar até sete dias para o surgimento de sintomas, onde muitas vezes pode-se levar à morte, visto que já ocorreram inúmeros casos de óbito por conta da doença. (MINISTÉRIO DA SAÚDE,

2020).

Em relação à morte, nos casos confirmados ou suspeitos de contaminação, estabeleceu-se a recomendação de que não sejam realizados os velórios com todos os rituais de despedida habituais, pois assim se faz possível evitar aglomerações, e até mesmo o contato entre familiares e amigos. Nesse contexto, há a recomendação de que o caixão esteja fechado para evitar qualquer contato com o corpo do falecido. Além disso, recomenda-se também que haja o distanciamento de dois metros entre as pessoas, que o ambiente esteja aberto e arejado, com poucas pessoas, e que seja disponibilizado álcool em gel, água e sabão para a higienização pessoal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Cogo et al. (2020) referem ser importante considerar o aspecto de que as mortes por Covid-19 acarretam um contexto particular com perdas inesperadas, e pontuam que essa característica interfere no processo de luto, dado que a pandemia pode gerar muito mais sofrimento psicológico devido ao isolamento social. Nesse sentido, Franco (2021) afirma que se fez necessária a busca por novas estratégias para a vivência e elaboração deste luto, já que são experiências novas e com significados diferentes por conta da ausência dos rituais de despedida.

2.2 LUTO E RITUAIS DE DESPEDIDA

No decorrer do desenvolvimento humano acontecem naturalmente perdas e rompimentos que envolvem aspectos sociais e culturais. Por exemplo, mudanças na composição familiar com a ausência de um filho, separação de um casal, onde compartilham projetos e expectativas que, pelos mais diversos motivos, cessam, promovendo simbolicamente o fim ou a morte de algo, e o luto diante da perda (FRANCO, 2021). Ou seja, a vivência de um luto não se dá somente a partir da morte, mas também como consequência de diversas formas de perdas e mudanças.

O investimento em compreender e reconhecer o luto a partir de um modelo, se mostra ineficaz e desfavorável, visto que o enlutamento caracteriza-se como uma experiência ímpar e incomparável. Desta forma, essa vivência pode envolver diferentes aspectos e alternativas de significar e explicar a perda, sendo elas a espiritualidade,

cognição, cultura entre outros modos que sobre-excedem de fato, a instância de um modo ideal de vivenciar o luto (FRANCO, 2021).

A ideia das cinco fases, presentes no processo da morte e do morrer, no qual rapidamente foi reconhecida, constitui-se pelos estágios de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Proveniente do estudo desenvolvido com pacientes à beira da morte, observou-se estados, emoções e expressões que prevaleceram a partir da compreensão dos pacientes sobre a sua doença em fase terminal (KÜBLER-ROSS, 1996). No entanto, é necessário esclarecer que tais fases não são vivenciadas de forma tão literal, pois esta experiência é permeada pela singularidade e subjetividade de cada indivíduo.

Assim como citado por Parkes (1998), parte da objeção diante de concepções que o luto é um estado ou uma série de manifestações específicas e organizadas, e não um processo, contrapõe a valorização da vivência do outro. Ademais, Franco (2021) pontua que, o seguimento na ordem de experienciar o luto por meio das fases do morrer enquanto preceito, desconsidera as especificidades humanas.

O modelo do processo dual do luto, pretende compreender o luto e a vasta manifestação que ocorre individualmente nessa experiência, ou seja, entender as mais diversas formas que as pessoas vivenciam. Baseando-se principalmente em duas categorias, sendo um dos fatores relacionado a perda e todo envolvimento dessa vivência, além do estágio nomeado como restauração, que envolve o planejamento e adaptação após o falecimento (STROEBE e SCHUT, 2010).

Segundo Stroebe e Schut (2010), diferente da teoria apresentada anteriormente, sendo reconhecida por suas fases, no modelo dual do luto ocorre uma oscilação envolvendo a vivência da perda e a restauração de estratégias que ocorrem. Considerando as particularidades presentes nos enlutados, por vezes ocorre a confrontação com a perda e todas as mudanças geradas, outras vezes a evitação. Contudo, é importante compreender a necessidade de oscilação entre estes dois aspectos, para que desta maneira a pessoa que ficou possa ter uma boa elaboração de luto, vivendo assim a perda, e possibilitando ao enlutado a reorganização e adaptação de sua vida.

Sobre o luto, Freud (1917, p. 125) afirma ser uma: “[...] reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade,

ideal etc”. Contudo, o autor sinaliza que as mesmas influências ambientais que desencadeiam o luto, podem produzir efeitos diferentes em algumas pessoas, que possuem possivelmente considerável disposição a patologia constituindo assim, a melancolia.

Freud (1917) descreve o papel que o luto representa, e com isso pontua que, no momento em que o objeto amado deixa de existir exige que a libido seja retirada do objeto. E toda essa exigência provoca uma condição compreensível, visto que as pessoas dificilmente abandonam uma posição libidinal. Por isso, o autor chama atenção para que o luto, diferentemente da melancolia, não deve ser considerado uma patologia, e que qualquer interferência médica neste processo pode ser prejudicial.

Portanto, como citado por Sassi (2014), a realização de atos fúnebres são representantes indispensáveis, que promovem aos enlutados, maneiras de compreender a morte enquanto evento natural e inevitável da existência. Deste modo, evidencia-se a importância de ritos que possibilitem o desenvolvimento dos mais diversos aspectos que o enlutado requer, para depreender todo o rompimento significativo que ocorre, e todas as particularidades presentes na relação que se rompeu.

Souza e Souza (2019) dispõem que, a escolha e execução de rituais de uma sociedade, representam a simbolização do modo como se estabelece a experiência diante da mudança e do sofrimento psíquico. Eventos ritualísticos como, os cuidados minuciosos na preparação do corpo, manifestações públicas como velórios e enterros, visitas ao cemitério, confecção de cartas, espaços e objetos que promovam o reconhecimento do outro, são algumas alternativas adotadas.

Mello (2020), descreve que cerimônias que permitem o ato de velar o corpo sem vida, proporcionam ao eu enlutado, informes que confirmem a perda, e promovam de maneira mais concreta o processo do luto, mesmo que doloroso. Além disso, familiares que por algum motivo não vivenciam esses recursos tangíveis, podem se manter fixados em sua necessidade de proporcionar o velar para que o ente querido siga essa nova etapa, assim como o enlutado.

2.3 LUTO E RITUAIS NA PANDEMIA

A cultura ocidental onde existe todo um simbolismo com o corpo, desde todo o cuidado com este até o ser tocado durante o ritual de despedida, o fato de poder

contemplá-lo traz para as pessoas a certeza da morte e também da segurança de que aquele era o corpo da pessoa correta. No entanto, aqueles que perdem seus entes neste período da Covid-19, se deparam com limitações na realização dos rituais de despedidas impedidos de vestir, ver e tocar, proporcionado aos familiares a sensação de que aquela pessoa não era seu familiar, pois o que puderam realizar foi apenas um ritual insuficiente (DANTAS et al., 2020).

Conforme explicita Franco (2021), apesar do luto caracterizar-se principalmente por uma experiência única e singular, ela sofre alterações devido aos aspectos culturais, históricos, sociais e familiares do enlutado. Inclusive, segundo Mello (2020), o quadro atual de pandemia exige o desenvolvimento de diferentes ritos de despedidas, como, transmissões on-line, publicações em redes sociais, que promovam o compartilhamento de momentos de homenagens com o auxílio das mídias sociais, desenvolvendo assim, uma das principais funções que os rituais possuem, o fortalecimento do apoio coletivo dos enlutados.

Diante do contexto da pandemia, tornou-se necessário buscar novas alternativas para que fosse possível realizar os rituais de despedidas de maneira humanizada, pois cada indivíduo se depara com sua necessidade de lidar com os sentimentos que surgem nesse momento de sofrimento. Fortalecendo assim, a concepção de que os rituais de despedidas possuem um significativo papel no modo como o homem enfrenta o fim da vida, pois está intimamente conectado com o morrer (NASCIMENTO et al., 2020).

Além disso, Mello (2020), realiza apontamentos de momentos na história da humanidade, como holocausto e ditadura militar onde não se fizeram presentes. Afirma a importância dos movimentos que estabeleceram memórias e homenagens com o objetivo de revelar e evidenciar o que não pode ser esquecido, para que as pessoas não percam sua humanidade, lidando com suas diferenças até mesmo na perda e no processo do luto.

Os rituais de despedidas têm grande significado no processo do luto, e a falta deles pode acarretar um luto complicado. Através desses rituais os familiares e amigos encontram conforto e alívio diante da morte, visto que essas práticas auxiliam na adaptação do novo contexto familiar, contribuindo para a construção de novos significados sem a presença do ente (NASCIMENTO et al., 2020).

Cogo et al. (2020), apontam possíveis estratégias diante da perda no contexto da Covid-19, situações em que os familiares não podem se despedir por meio dos rituais convencionais, propõem o uso das tecnologias, para realização de vídeos e criação de salas on-line, livros para prestação de condolências para assim expressarem aquilo que sentem, muitos sites de despedidas e memoriais estão sendo criados para esta finalidade.

Franco (2021), descreve a importância do entendimento de luto antecipatório, onde ocorre a partir do diagnóstico de uma doença que ameaça a vida, diante de todas as mudanças e sofrimento gerado com a ideia da morte e de luto dos familiares. Além disso, Oliveira et al. (2020), reforça a importância de oportunidades e meios que permitam momentos de cuidado e preparo aos familiares e pacientes, baseando-se no conceito de luto antecipatório, visto que a falta dessa preparação por conta das restrições físicas e virtuais, já que nem todos possuem acesso à internet, todo o isolamento que ocorre, além do risco de morte consequente da Covid-19, contribuem para ocorrerem lutos complicados tornando o momento da perda ainda mais doloroso.

Ainda segundo Oliveira et al. (2020), o luto antecipatório possui significativo papel na adaptação dos enlutados diante da realidade da perda, ou a ideia da morte de um familiar. Possui casos em que é possível estabelecer contato com pacientes internados e isolados por conta da Covid-19, através de ligações, chamadas de vídeo ou repasse de recados por meio da equipe hospitalar aos familiares, contudo, por vezes essas oportunidades de acolhimento, conversas, e até mesmo despedidas tendem a ser limitadas ou não ocorram, por alguns motivos como, condição clínica do paciente, limitação da equipe profissional e ferramentas que permitam um espaço de fala cuidadoso ao paciente e aos familiares.

3 MÉTODOS

Esta pesquisa possui natureza básica, pois partiu do desejo de produzir novos conhecimentos, incluindo assim verdades e interesses gerais. Enquanto a abordagem do problema é de caráter qualitativo, pois a pesquisa encontra-se direta com o ambiente e o objeto, já que não foram utilizados dados numéricos, sendo assim possível retratar a maior quantidade de informações possíveis. Seguindo o ponto de vista dos objetivos, a pesquisa se deu de cunho exploratório e seu intuito esteve ligado à busca de novas informações sobre o tema estudado. No sentido de delinear a pesquisa, a metodologia

técnica utilizada foi a de campo que permite flexibilidade, pois busca o aprofundar diante das questões propostas de forma espontânea (PRODANOV & FREITAS, 2013).

A pesquisa foi realizada com quatro pessoas independentes de gênero, em que possuem faixa etária igual ou superior a 18 anos, no qual vivenciaram a perda de familiar ou amigo próximo considerado pelo participante, pela Covid-19 no período entre março e julho de 2020. A escolha do período específico foi realizada com o objetivo de respeitar e permitir aos enlutados o máximo de tempo após a sua perda, visto que ainda estamos vivenciando essa experiência de pandemia. Portanto, não foram incluídos na pesquisa sujeitos que perderam amigos ou familiares com intervalo de tempo inferior há um ano do acontecimento, assim como pessoas que não possuem capacidade de comunicação verbal no idioma português/BR ou que não possuam aparelho eletrônico com acesso livre à internet caso seja necessário a realização da entrevista através de plataformas on-line.

A amostra se deu por conveniência, compreendida como um modo menos categórico, que ocorre a partir da seleção de pessoas que as pesquisadoras possuem acesso, não necessitando de um conteúdo estatístico ou alto nível de exatidão (GIL, 2008).

Foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte das pesquisadoras em cada entrevista, contendo os detalhes acerca da pesquisa realizada, como, objetivo, objetivos específicos, riscos e medidas que seriam adotadas caso necessário e possíveis benefícios, mediante a assinatura foi fornecido uma cópia aos entrevistados imediatamente.

Para a coleta de dados foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada, em que as pesquisadoras dispuseram de quatro perguntas disparadoras sobre a temática para que os participantes verbalizassem, permitindo assim que em um momento oportuno, as entrevistadoras incluíssem novos questionamentos acerca de suas colocações, possibilitando uma interação mais próxima entre as entrevistadoras e os entrevistados visto que se enquadra em uma maneira mais flexível e afetiva de abordar a temática (BONI e QUARESMA, 2005).

As entrevistas foram gravadas em áudio, por um aparelho celular para serem transcritas na íntegra, todo o material será guardado pelo período de cinco anos, na ferramenta de memória de nuvem de acesso restrito somente as pesquisadoras, no qual

ao fim do tempo citado serão descartados, independente da maneira como ocorreu, sendo de modo on-line ou presencial, os procedimentos citados ocorreram em todas as entrevistas.

Nos dias e horários agendados, as entrevistadoras foram até o local acordado, quando a pesquisa se deu de forma presencial, e mantiveram todos os cuidados já citados por conta do contexto de pandemia, onde foi explicada a maneira como ocorreria a entrevista, sendo informado a respeito do gravador de áudio, respondendo as dúvidas que surgiram, bem como foi esclarecido quanto ao sigilo, em seguida foi entregue o TCLE sendo realizado a leitura em voz alta, mediante ao esclarecimento de dúvidas, o entrevistado realizou a assinatura do termo, permitindo assim o início da entrevista. No caso das entrevistas que aconteceram de forma on-line através da plataforma Google Meet, em que as pesquisadoras criaram um link compartilhando com os entrevistados, realizando o esclarecimento do termo, assim como foi encaminhado via e-mail para a realização da assinatura eletrônica com cópia ao participante, posteriormente a entrevista foi realizada, sendo gravado apenas o áudio. Foi adotada uma abordagem cuidadosa ao participante respeitando o tempo e o limite quanto a sua participação, sendo critério do entrevistado desistir ou interromper a entrevista.

Os benefícios adquiridos com a participação consistiram na possibilidade de compartilhar a própria experiência de maneira livre e espontânea em um ambiente respeitoso e acolhedor, onde foi levada em consideração a delicadeza da vivência da perda, legitimando o luto e contribuindo para a elaboração do luto, da mesma maneira que, colaborar para o entendimento do fenômeno e ao avanço da produção científica.

A partir da resolução Nº 466 de 2012 é garantido aos participantes da pesquisa a indenização por parte das pesquisadoras e da instituição responsável. Todavia, como já citado, foram adotados todos os cuidados tendo em vista o atual contexto de pandemia vivenciado, assim como, o cuidado com o tema abordado, garantindo o sigilo e respeito aos entrevistados, contudo, se necessário as pesquisadoras e a instituição estarão disponíveis para ressarcir qualquer dano resultante.

Após a conclusão das entrevistas semiestruturadas, com as pessoas que vivenciaram a perda de familiar ou amigo próximo, pela Covid-19, foi realizada a transcrição do áudio em texto e, em seguida realizada análise dos resultados obtidos através do método de análise de conteúdo, no qual se caracteriza por fornecer dados

sistematizados, permitindo possível entendimento acerca dos dados coletados (BARDIN, 1977), forneceram embasamento para a conclusão da pesquisa, tendo em vista publicação e apresentação como trabalho de conclusão de curso, para o curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Os resultados alcançados poderão ser utilizados por outros pesquisadores em função de outros estudos acerca deste assunto.

3.1 CARACTERIZAÇÕES DA AMOSTRA

A amostra desta pesquisa foi selecionada a partir da acessibilidade e conveniência, conforme proposto por Gil (2008). As pessoas entrevistadas foram acessadas pelas pesquisadoras por meio de indicações. Para assegurar o sigilo com relação aos entrevistados, foram então substituídos os seus nomes por nomes fictícios, o critério para a escolha dos nomes partiu do desejo de homenagear pessoas próximas às pesquisadoras que faleceram de Covid-19. O quadro abaixo apresenta alguns dados a fim de caracterizar a amostra:

Participantes	Gênero	Idade
Roseli	Feminino	21 anos
Devaldo	Masculino	28 anos
Luzia	Feminino	23 anos
Silmar	Feminino	53 anos

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos através da análise das entrevistas realizadas com indivíduos que vivenciaram a perda de familiar ou amigo próximo considerado pelo participante, pela Covid-19, a discussão se deu com base nesses dados. A partir da aplicação do método de Análise de Conteúdo, foram realizadas diversas leituras e releituras das entrevistas transcritas e foram elencadas, como resultados da pesquisa, quatro categorias de análise, sendo elas: Quando não há ritual; Dificuldade na elaboração do luto; A vivência de um ritual; Novos rituais. A seguir, serão apresentadas a discussão e a análise das categorias.

4.1 QUANDO NÃO HÁ RITUAL

A presente categoria está relacionada à fala dos entrevistados em relação a quando não há o ritual de despedida, na qual ficou perceptível que o não acontecimento do ritual gera dificuldades na elaboração do luto do familiar/ amigo. Cogo e colaboradores (2020) apontam que a Covid-19 irá acarretar em muitas consequências psicológicas aos indivíduos em virtude das restrições, pois o luto gera sentimentos muito particulares.

*[...] definir P. como morta, eu ainda não consigo fazer isso e, eu sinto que, de alguma forma, tenha reflexo, **assim, sobre o fato de eu não ter visto ela, de fato, morta, né?** Não sei se é essa palavra, ter um momento de despedida como o velório, por exemplo... isso não sei, né, talvez na teoria não, **mas, para mim, influenciou muito, eu sinto que isso impactou muito e que, talvez, eu não sei, gente** (ROSELI) [grifo nosso].*

Nota-se no discurso de Roseli uma das características advindas da perda por Covid-19, no qual os familiares e amigos são limitados quanto à realização dos rituais comuns devido a diversas restrições. Dantas (2020) em seu estudo sobre o luto em tempos da Covid-19 pontua que os ritos realizados durante o velório carregam consigo muito significado, pois existe ali um corpo onde a família poderá vestir tocar e observar uma última vez destaca que o fato de existir a possibilidade de visualizar esse corpo possibilita para um processo real e palpável tornando possível ter a certeza de que ali se encontra o ente que partiu.

Outra característica possível de observar a partir da falta do ritual de despedida está relacionada à necessidade dos indivíduos enlutados de receberem o carinho e o afeto vindo de outras pessoas, como citado por Silmar e Luzia,

[...] essa é, é a questão do abraço, da proximidade, a possibilidade de unir as pessoas, essa questão da aglomeração mesmo, do velório, de uma missa, ou enfim, uma aglomeração assim porque une todos os elos, une todos os participantes (SILMAR) [grifo nosso].

[...] falta eu acho de você ver a pessoa, de tá ali momento do luto que todo mundo vai te abraçar, eu acho que a gente é muito de carinho né, muito de afeto, então todo o abraço, todo consolo que as pessoas traz para a gente nesse momento eu acho que é essencial (LUZIA) [grifo nosso].

A necessidade do apoio social diante da perda de um ente é imprescindível pois este momento pode significar o início do luto, no qual o enlutado se sente em comunidade, e visualiza essa compaixão advinda das demais pessoas, o apoio prestado auxilia na verbalização acerca da morte e do morrer, trazendo assim o enlutado a realidade. Além disto, dedicar-se aos rituais contribui para a não culpabilidade, fazendo com que o indivíduo entre no processo de luto, expondo todo seu sofrimento (SOUZA e SOUZA, 2019).

4.2 DIFICULDADES NA ELABORAÇÃO DO LUTO

Mello (2020) ao falar sobre o luto aponta que os rituais de despedida possuem influência na sua elaboração, contudo devido a Covid-19 foram determinadas restrições quanto aos rituais habituais, que causaram grandes impactos na elaboração do luto. Alguns dos impactos identificados a partir da análise das entrevistas são: a dificuldade em acreditar no falecimento do ente, não ir ou estar em locais onde o falecido estava e diversos outros que foram relatados pelos entrevistados.

[...] eu nunca mais comi bergamota na vida, porque era a fruta favorita dele então quando passa alguém vendendo ou quando passo no mercado a primeira coisa que eu faço é chorar eu não consigo comer e não lembrar dele então a gente cortou (LUZIA) [grifo nosso].

Como apontado por Freud (1917) o luto é uma reação de perda de uma pessoa amada ou de algo que ocupe seu lugar, sendo assim, compreende-se o comportamento descrito na fala de Luzia e de Roseli diante de algo que de algum modo lhe remete um significado ao ente querido, ou seja, a partir do momento que objeto amado deixa de existir assim como representantes, como no caso a fruta citada, ou o telefone que

trocavam mensagens, exige-se a retirada da libido, e essa imposição provoca um estado de sofrimento, já que excepcionalmente as pessoas abrem mão dessa posição.

*[...] não faz mais sentido assim, sabe? E aí eu fico “meu Deus” eu volta e meia, tipo, no início, eu abria a mensagem com P. eu ia digitar, eu parava assim e falava “**não, ela não vai te responder**” tanto é que **eu mandei mensagem no número dela e a mãe dela pegou o número** agora e tal, e daí ela falou “**Roseli, ela não vai te responder!**” (ROSELI) [grifo nosso].*

No decorrer da entrevista Roseli relata que em um determinado momento acreditou ter visto P.

*[...] uma menina o cabelo dela era curtinho, assim, um ruivo mais escuro, mais morena, assim, **nossa, gente, era... não era a P., mas, era a P.** e eu fui acelerando o meu passo como se, tipo: “**Amiga**”, sabe? E aí eu me dei conta e falei: “Cara, calma” tipo: “Respira. **Não, Roseli, não!**” (ROSELI) [grifo nosso].*

A pandemia Covid-19 impôs sobre os indivíduos um isolamento no qual tornou-se impossível o acompanhamento do paciente contaminado, podendo gerar uma dificuldade na elaboração do luto ao ponto de torná-lo complicado. (COGO et al, 2020). Mello (2020) ainda descreve que a cerimônia de velar o corpo, permite visualizar de maneira explícita a perda decorrente da morte, ou seja, enlutados que não vivenciam ritos podem manter-se fixados pela falta de meios reais.

*[...] duas semana depois **a gente recebeu uma ligação do hospital**, meu coração acelerou, aí eu pensei meu Deus né **enganaram ele tá bem, tá vindo para casa, tá super bem, a gente atendeu o telefone era a psicóloga perguntando como a gente estava. Quando a gente viu a ligação do hospital falei, gente, que tão ligando para gente, duas semanas depois, enganaram e é ele, tá vivo tá bem tá saindo da UTI, era nosso pensamento o nosso desejo, só que não era.** (LUZIA) [grifo nosso].*

Como citado anteriormente as cerimônias realizadas possibilitam a concretude da morte, a não vivência pode gerar sentimentos muito subjetivos em cada pessoa. Contudo, em contraponto a vivência dos rituais ou de apenas um deles pode auxiliar na simbolização deste momento.

4.3 A VIVÊNCIA DE UM RITUAL

Souza e Souza (2019) expõe que a realização de rituais sejam eles preparativos ao velório, as expressões e manifestações de afago e condolências, enterro entre outros, são meios que possibilitam simbolizar e experienciar esse momento, assim como contribuir no entendimento das mudanças e do sofrimento vivenciado. Desse modo a

realização de ritos desempenha um papel significativo na experiência de familiares e amigos, como citado a seguir:

*[...] eu perdi meu pai, então a questão do velório, muita gente foi ao velório, as possibilidades de rituais dentro do velório mesmo, naquele momento, as orações, as flores né então, isso eu, **acaba, é, ajudando a gente entender que a gente tá demonstrando o carinho pela pessoa que tá, que partiu.** Então não ter esse velório, não ter esses rituais é muito, é muito impactante (SILMAR) [grifo nosso].*

Além disso, Sassi (2014) salienta que rituais atuam como meios de compreender a morte como fenômeno inevitável da existência, além de possibilitar os desdobramentos de diferentes aspectos em lidar com a ruptura decorrente da perda. Embora os ritos não ocorressem de modo habitual considerando o contexto da pandemia Covid-19, a execução e participação de momentos que possibilitem a cada indivíduo lidarem com os sentimentos que surgem com a perda de maneira mais concreta, são essenciais, pois podem agir como os rituais, ou seja, podem auxiliar na compreensão de que a morte é inexorável (MELLO, 2020).

*[...] a última vez que eu vi, **vê eu não vi, eu vi um caixão fechado**, que tava puro invólucro em volta, o corpo ainda tava ali, é, ao redor de um saco que é algo muito triste de você imaginar; e o caixão, **então não é um velório comum** que você consegue enxergar a pessoa ali com o rosto sereno, **mas de todo modo está ali** (DEVALDO) [grifo nosso].*

*[...] eu soube, não tinha mais o que fazer e que eu tinha que aprender a trabalhar com aquela falta, **de alguma maneira ou outra eu precisava lidar com aquela falta, eu consegui visualizar**, eu não fiquei mais com a esperança dela voltar, não aconteceu, então pra mim aquele, **aquela visualização foi muito importante**, realmente **aquele choque foi muito importante** (DEVALDO) [grifo nosso].*

Cabe ressaltar que em todos ou quase todos os casos de velórios de falecidos por Covid-19, fez-se necessário o uso das medidas estabelecidas pelo Ministério da Saúde (2020) como o uso de máscara, distanciamento, a redução do número de pessoas para menos da metade em todos os lugares, desta forma os rituais mais comuns não puderam acontecer, tornando necessário a construção de novos rituais.

4.4 NOVOS RITUAIS

Denomina-se, por, novos rituais todas as possibilidades em que os enlutados puderam se despedir de forma não habitual de seus parentes e amigos (NASCIMENTO

et al., 2020), esses novos rituais elaborados foram missas e salas on-line, livros de homenagem, grupos em redes sociais (MELLO, 2020).

*[...] a gente só orou com a família com alguns amigos da igreja, e **alguns amigos da igreja vieram fazer um passeio pra gente**, então eu acho que todo esse conforto que trouxeram depois vai amenizando um pouco a dor, só que não é a mesma coisa (LUZIA) [grifo nosso].*

Os novos rituais em algumas situações auxiliaram na despedida já que hábitos comuns de despedida não puderam ser realizados, no entanto em outras situações não possuíam significado.

*A gente fez missas on-line né? Missas pela que a gente acabou assistindo pelas plataformas é é tudo muito distante, **então fica tudo muito irreal né**, é uma morte que eu não tenho.. **primeiro que eu tinha distância, depois não teve o enterro depois as missas foram on-line**, então parece que, parece que ele está fazendo uma viagem pra outro lugar e que a gente né? Vai se encontrar a qualquer momento (SILMAR) [grifo nosso].*

Ademais Mello (2020), descreve sobre o desenvolvimento de novos rituais que promovem acolhimento coletivo de amigos e familiares enlutados, como pontuado em certo momento da entrevista, com o seguinte questionamento das pesquisadoras: “*em relação a homenagens on-line, qual o significado desse momento?*”

*[...] eu senti que foi uma despedida que validou muito quem ela era, assim, sabe... porque, a intenção dela era marcar, tipo, onde ela tivesse ela ia causar, assim, e tipo, **tudo que falaram sobre ela**, sabe? Pessoas que eu jamais pensei que falariam de P., falaram e, eu falava “Cara, ela deixou o que ela queria deixar para as pessoas, de fato”, que foi, não só para pessoas que ela tinha intimidade, sabe? (ROSELI) [grifo nosso].*

Levando em consideração as colocações dispostas anteriormente é possível afirmar que a pandemia Covid-19 causa muitas consequências com relação a saúde mental, já que para aqueles que ficam nestas situações se deparam com a possibilidade de um luto complicado. No entanto, para os casos onde foram proporcionados momentos como: salas on-line, passeatas e até mesmo pouco tempo diante do caixão fechado, estabeleceu-se um sentimento de conforto diante do luto, no qual é um sentimento muito subjetivo (COGO et al, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa propôs compreender quais os efeitos da falta de rituais de despedidas no processo de luto, por perdas decorrentes da Covid-19 através de quatro entrevistas realizadas com amigos e familiares, que proporcionaram dados importantes acerca das possíveis decorrências aos enlutados pela perda de seus entes queridos no contexto de pandemia. Através de suas narrativas expressaram diferentes pontos, desde a relação anterior a morte, o adoecer e condições estabelecidas pelo contexto de pandemia e os rituais de despedida habituais, assim como novas maneiras de vivenciar o rompimento da relação de modo não comum.

Logo, os apontamentos levantados que os rituais de despedida desempenham um papel significativo no processo do luto são validados através dos discursos, visto que em diferentes momentos, expressões e comparações ao modelo habitual de despedir-se de pessoas amadas após sua morte se fazem presentes de modo recorrente. No entanto, foram elaboradas novas maneiras para se despedir, visto que o luto neste momento se encontra com diversas impossibilidades como aproximação física, diante do distanciamento social, o apoio diante do número reduzido de amigos e familiares, sustentando a concepção da importância do despedir-se.

Portanto, as intenções das pesquisadoras em compreender como se deu essa experiência aos enlutados se mostrou satisfatória, dado que foi possível obter informações e colocações genuínas da experiência da perda e do luto decorrente. Bem como a similitude entre as falas, além do sofrimento psíquico gerado pela perda nota-se que o contexto e as circunstâncias foram interferências ao processo de luto até então vivenciado pela existência humana, dessa forma, sugere-se a continuidade de estudos científicos para contribuições psicológicas e elaboração de ações que possibilitem ao enlutado maneiras de experienciar essa perda de modo íntimo, dando continuidade em sua vida, visto que a pandemia Covid-19 vem causando muitas marcas, sendo necessário profissionais dedicados e preparados para acolher a todos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 7. Lisboa, 1977.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 01 Jun 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus Covid-19**. Brasília, DF, 2020. 16 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a Doença**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 14 mai 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil: Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em 17 Nov 2021, 2020.

COGO, A. S. et al. Processo de luto no contexto da Covid-19. In: NOAL, D. S.; PASSOS, M; F. D.; FREITAS, C.M. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020, p. 163-170.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em 16 Mar 2021, 2005.

CREPALDI, M. A., SCHMIDT, B., NOAL, D. S., BOLZE, S. D. A., & GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e.200090, 2020.

DANTAS, C. R. et al . O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista LatinoAmericana de psicopatologia fundamental**. São Paulo , v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020 .

ESPÍRITO SANTO. Superintendência Estadual de Comunicação do Espírito Santo. **Covid-19- Coronavírus**. Espírito Santo, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/#o-que-e>. Acesso em 19 de Março de 2021.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

FREUD, S. (1917) Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Obras Completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1914-1916.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6ª ed, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MELLO, R. **Luto na pandemia covid-19.** Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 7-17, Jun./ Jul. 2020.

NASCIMENTO, A. R. et al. **Rituais de despedida no contexto da pandemia da covid-19.** Cadernos ESP.Ceará- Edição Especial. Ceará, p. 80- 85, Jun. 2020.

OLIVEIRA, D. S. A.; BISCONCINI, K. P .; GUTIERREZ, B. A. O. **Processo de luto diante da pandemia:** repercussões frente à Covid-19 no Brasil. Revista Kairós : Gerontologia, v. 23, p. 499-516, 2020.

PARKES, C. M. **Luto:** Estudos sobre a perda na vida adulta. Ed. Summus, 1998.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SASSI, Franciele. **Possíveis contribuições do aconselhamento psicológico desenvolvido durante o ritual fúnebre aos enlutados.** O Portal dos Psicólogos, 2014.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia:** Teoria e Pesquisa, Belém, v. 35, p. 1-7, 2019.

STROEBE M, SCHUT H. The dual process model of coping with bereavement: a decade on. **OMEGA.** v. 61 (4), p. 273-28, 2010.